



Cinema

Ano 1°
1968

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Paramount Films s.a.

VAI APRESENTAR NO

“TIVOLI”, de Lisboa, e no
“TRINDADE”, do Porto

duas das mais notáveis produções do cinema sonoro:

FATALIDADE

(X - 2 7)

um filme de **Josef Von Sternberg**
com **MARLENE DIETRICH**,
Victor MacLaglen, Barry Norton e Warner Oland



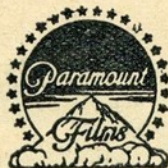
O TENENTE SEDUTOR

um filme de **Lubitsch** inspirado na
opereta “Sonho de Valsa” com

MAURICE CHEVALIER,

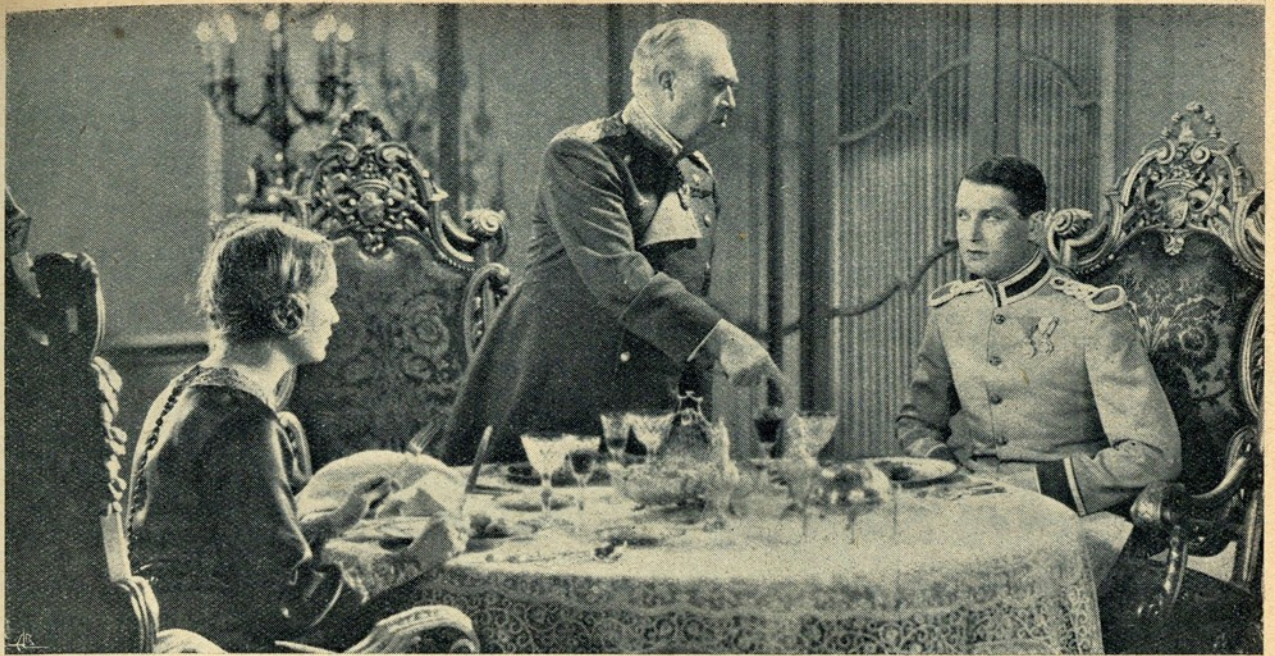
Claudette Colbert e Miriam Hopkins

Os dois maiores



exitos da temporada

C
I
N
E
M
A
2



— Então não come! Olhe que é vitela de Viena!
 — Pobre vitelinha! Nasceu em Viena e veio morrer a Flausenthurm!

(Uma cena de «O Tenente Sedutor», a super-produção da «Paramount», com Maurice Chevallier, Claudette Colbert e Miriam Hopkins, que será exibida esta temporada)

O Cantinho dum Cinéfilo

A Leitão de Barros, que ao problema da cinematografia nacional vem dedicando cuidadosa atenção, não agradou muito o «cantinho» do último número de «Cinema». E, conversando comigo ha dias, em Lisboa, expos-me as suas razões, minuciosamente, criteriosamente, com o critério que lhe dá a sua ampla inteligência, enormíssima boa-vontade e persistência, com a minúcia que lhe permite o estudo profundo que tem feito, que vem fazendo sobre o assunto.

«O capital adquirido», disse, «e a que você se refere, de 1.000 ou 1.500 contos, não é, positivamente, para o empregarmos já na construção do estúdio. Só se eu e os meus colaboradores fossemos loucos, iríamos enterrar assim o capital obtido, sabendo d'antemão que era insufficiente para a realização dos nossos projectos! Nem pensar nisso! Estou empenhado na produção de fonofilmes portugueses, e tenho a meu lado algumas decididas boas vontades. O capital em referência está subscrito por entidades da mais absoluta confiança (e citou-me alguns nomes de social destaque) e, todos o sabem, longe se encontra ainda do preciso para a efectivação do nosso objectivo. Mas, como em todas as grandes empresas, procurar-se-á agora o restante por subscrição pública. Os nomes dos capitalistas que estão a meu lado são garantia sufficiente. O negócio está estudado em todos os seus pormenores, quanto às suas possibilidades, que são as mais risonhas, as mais seguras. O público quiere fitas em português. Fóra de dúvida! E desde que à sua confeção presida uma organização perfeita, o negócio ha-de triunfar, e a produção de fonofilmes em Portugal será um facto.»

Assim falou Leitão de Barros.

E fiquei contente por ouvi-lo. A-final, êle não tinha razão para não gostar do «cantinho» do último número. As minhas dúvidas, os meus receios, teem toda a justificação.

Ha treze anos que eu ando a batalhar pelo cinema português, sempre protegendo, sempre acarinhando, sempre defendendo o pouco que se tem feito, sempre na esperança de que «amanhã se fará melhor». E, se puzermos de parte o trabalho da «Invicta-Film», tudo quanto se tem feito tem sido obra aventurosa. Alguma seriedade, muita boa-vontade, mas a ilusão, a precipitação, a audacia desmedida, a falta absoluta da tão necessária organização, sempre teem sido as bases de quasi toda a produção filmica nacional. E hoje, pouco mais adiantados estamos do que ha treze anos.

Quero crêr, porém, que Leitão de Barros sairá triunfante da tarefa em que se embrenhou. O fonocinema dá-nos, agora, outras possibilidades. E, com a sua conversa de ha dias, Leitão de Barros destruiu os meus receios. Ele está trabalhando ponderadamente. Assentes todos os projectos, está agora estudando a parte técnica da construção do estúdio, de que as condições de acústica para a tomada de sons é parte capital. A questão das *royalties* não está descurada. Tudo vai sendo preparado com método, tudo está sendo feito de modo a que, quando se começar trabalhando, o trabalho seja feito organiza-da-men-te.

E' isso que se deseja.

E já estou mais tranquillo.

Tac, tac, tac, tac... «Em resposta ao vosso favor de tantos do corrente tenho a honra de vos informar...» Tac, tac, tac, tac...

Entra o director do escritório...

— «Ainda se enganou desta vez... Não sei no que está a pensar, menina F.1...»

A culpada desaparece sem responder, consciente da injustiça da sorte e da cegueira dos homens... Com dois olhos que são dois brilhantes, um nariz espiritual como o seu, uns dentes maravilhosos e as pernas melhor torneadas do mundo, — não será permitido ter distrações e pensar que tantas belezas ficariam muito melhor num grande estúdio cinematográfico do que num escritório, sob um olhar feroz de um patrão exigente?...

Quantos sonhos doirados, projectos e desejos apareceram no pensamento ao ritmo monotónico da máquina de escrever!...

Muitas vezes realizam-se estes sonhos côr-de-rosa, — e muitas lindas dactilógrafas deixam a monotonia da vida de um escritório para se tornarem «estrelas» de cinema e brilharem no firmamento constelado de Hollywood...

Ainda não há muitos anos saía de uma escola comercial da cidade de Montreal uma rapariguita chamada Yvonne Lusser... Yvonne tinha muitos irmãos, e era necessário que contribuisse de qualquer modo para a educação deste pequeno mundo. Era uma rapariga resolvida, e logo que lhe forneceram o seu diploma tratou de convencer um advogado muito conhecido na cidade de que era ela a secretária que lhe convinha... Não se sabe se foi o diploma ou o sorriso delicioso da rapariga que convenceu o advogado, mas a verdade é que Yvonne foi imediatamente contratada. Era, de resto, uma colaboradora preciosa, que conhecia perfeitamente o francês e o inglês, e o jurista felicitava-se pela aquisição quando Yvonne, aborrecida daquela trabalho fastidioso, abandonou o Canadá e foi para New-York. Aquí encontrou emprego no escritório dum teatro, até que um dia um empresário reparou no seu olhar incendiário e no seu sorriso expressivo, que ficariam muito melhor no palco do que atrás da «Underwood»... E Yvonne tornou-se actriz!... E hoje é conhecida no mundo do cinema sob o nome de Fifi d'Orsay...

C E Alice White! Quem se lembra hoje que o primeiro emprego de Alice foi o de dactilógrafa de um agente de terrenos de Beverly Hills?... Mas a monotonia deste trabalho cansou de-pressa a inconstante Alice: deixa a agência e torna-se dactilógrafa no Clube dos Escritores de Hollywood. Daquí a ser contratada para dactilógrafa dos estúdios dos Artistas Associados foi obra de um momento... Esta proximidade de actores e de directores autorizava secretas aspirações... Joseph von Sternberg reparou na

De dactilógrafa a «estrela» do cinema



sua galata secretária... Propôs-lhe fazer umas provas de ensaio, que foram coroadas do maior êxito — e Alice começou a interpretar pequenos papéis em alguns filmes. Depois teve a sorte de filmar com Milton Sills, e em seguida com Billie Dove... O sucesso não mais a deixou



Kay Francis, que não obstante os desejos de seus pais dedicou ao cinema a sua juventude, o seu talento e a sua beleza

até ao aparecimento do filme falado, — que prejudicou a sua carreira...

E Clara Bow?... Vocês podem imaginar a bela Clarinha a entrar pontualmente para um escritório ao bater das nove horas da manhã?... Clara, a louca, com os olhos castamente baixos sobre os bloco-notas, dactilografando correctamente cartas comerciais na sua velha «Remington»?... E também imaginar um empregado conservando a sua serenidade em frente do «sex-appeal» da estonteante Clara?

Clara trabalhava numa escola de Brooklyn quando ganhou o primeiro prémio num concurso de beleza e Elmer Clifton lhe ofereceu um papel num belo filme. A surpresa e a alegria sufocaram a bela rapariga, que logo pensou em se

tornar uma grande artista. Mas da intenção à realização val um grande passo... Terminado este primeiro filme, Clara não conseguiu ser novamente contratada... Desesperada, ia-se de novo agarrar à «Remington» quando Schulberg viu o filme e compreendeu que Clara possuía todos os requisitos para se tornar uma grande artista... Ofereceu-lhe um contrato, — e vocês sabem perfeitamente o resto da história...

Janet Gaynor também foi dactilógrafa, mas não passou muito tempo nas suas funções de secretária. Alguns meses passados numa casa de calçado de San-Francisco foram o suficiente para a convencer de que estes trabalhos não eram para ela. E nós estamos certos de que os seus admiradores pensam do mesmo modo!...

A loira Ann Harding está no mesmo caso, como Nancy Carroll e Kay Francis... A mãe de Kay, uma actriz de nome que conhecia os perigos desta carreira, destinava-a a uma profissão menos brilhante mas mais segura. Kay, que ao princípio acatou a vontade da mãe, não se pôde resignar a um emprego de dactilógrafa, e uma vez, depois dum passeio pela Europa, decidiu tentar a sorte em Hollywood... E todos nós sabemos com que habilidade ela trabalha hoje diante das «cameras»...

June Mac Cloy, que tem uma bela interpretação ao pé de Douglas Fairbanks no filme «Reaching for the Moon», também se destinava à dactilografia, quando um dia foi a um estabelecimento de músicas e se sentou a um piano para cantar uma canção... Foi a sorte grande!... Georges White, um produtor de Broadway, encontrava-se ali, ouviu-a e imediatamente lhe ofereceu um belo contrato...

¿E quem sabe se as dactilógrafas portuguesas também não terão um dia a sorte de serem contratadas por um realizador de nome?...

Aquí para nós que ninguém nos ouve: a nossa dactilógrafa passa as horas a suspirar pelo aparecimento deste novo Dom Sebastião!...

Nesta semana fazem anos:

De 5 a 11 de Março

- Março 5 — Edwin Carewe, realizador.
7 — Heinz Ruehmann.
9 — Bobby Vernon (35).
10 — Stuart Holmes.
10 — Gregory La Cava, realizador.
11 — Raoul Walsh, realizador.



Uma das últimas fotos de Clara-a-Boa, quando estava terminando o seu contrato com a «Paramount», e muito antes do seu casamento com Rex Bell, que vemos aqui à direita. Mas Vocês não acham que a Clarinha está aqui com uma cara de Gary Cooper?...

Porque se casou Clara Bow?

O casamento de Clara Bow com Rex Bell causou geral surpresa entre os habitantes de Hollywood, pois ninguém pensava que a fulva Clara contraísse matrimônio tam cedo.

A verdade é que Clara mudou muito de caracter desde o famoso escândalo promovido por Daisy de Voe, sua antiga secretária e confidente, — que deu publicidade a picantes e irreverentes intimidades desta «estrêla...» Publicaram-se as suas cartas de amor, devassaram-se-lhe os seus segredos mais íntimos...

Clara Bow deixou de ser aquela rapariga frívola e despreocupada que era antes do célebre processo... A divulgação da sua vida agitada fez com que se tomassem algumas medidas contra ela, — medidas que a levaram a comportar-se de uma maneira mais prudente.

Já não é um segredo para ninguém que a «Paramount» rescindiu o seu contrato, em virtude de pressões exercidas por certas sociedades moralistas muito poderosas na América, e que a enfermidade de Clara foi uma pura invenção para dar a menor violência possível ao seu afastamento das lides do cinema.

Quando Clara, sem contrato, foi viver para o rancho de Rex Bell, não o fez para se convalescer da imaginária doença, mas porque os produtores aconselharam a conveniência de se afastar de Hollywood por algum tempo... Clara Bow escolheu o rancho de Rex Bell para seu refúgio, porque este «cow-boy» senti-

mental andava há muito tempo a fazer-lhe a côrte...

Foi all que a Clarinha Bôa fez o possível para esquecer os seus desgostos e meditou seriamente sobre o rumo a dar à sua vida... Iria encetar uma vida nova...

Chegaram diferentes propostas muito tentadoras para actuar nos teatros da Broadway novayorquina, mas Clara, seguindo as instruções de Rex Bell, não quis aceitar nenhuma sem que passasse algum tempo sobre a tormenta dos seus escandalos.

Isto succedeu, com efeito, e os comentários desfavoráveis que a conduta de Clara haviam suscitado ao principio, foram esquecendo pouco a pouco, até ao ponto dos dirigentes das sociedades moralistas que a haviam censurado terem agora um pouco de piedade para aquela pecadora divina...

Por outro lado, de todas as partes da terra chegavam cartas de milhares de apaixonados e admiradores pedindo a volta da estrêla, — e estes pedidos carinhosos animaram os produtores a preparar a reparação de Clara Bow no cinema.

Para este fim celebraram-se várias conferências entre um representante de certos magnates yanquis da cinematografia e os conselheiros das associações defensoras da moral, a que já aludimos. E o tal representante conseguiu obter que os tentáculos destas associações, cujo poder é incrível, cedessem um pouco na sua pressão e autorizassem Clara a tra-

balhar ante a camara cinematográfica sob várias condições.

Quando se conseguiu isto, o representante dos produtores marchou para o rancho de Rex Bell, e durante alguns dias tratou de convencer Clara, conseguindo-o depois de muita paciência, porque a rapariga dos cabelos de fogo não queria submeter-se às condições impostas... Continuava a ser rebelde!... Mas, por fim, cederam de parte a parte, e puderam-se conciliar os interesses de todos. Clara obrigou-se a observar daí em diante, na sua vida pública, uma conduta exemplar e a Interpretar unicamente papéis dramáticos, — até que acabe a sua fama de mulher escandalosa... Mas como as associações moralistas exigiam uma prova terminante de que havia deixado de ser uma mulher com menos siso, precipitou o seu casamento com Rex Bell... Deste modo todos ficaram satisfeitos, — e muito principalmente o afortunado marido escolhido pela «estrêla!...

A única preocupação que agora trazem os produtores sobre Clara, é saber se ela poderá sair airosoamente dos seus novos papéis dramáticos. E esta dúvida também alligirá os seus admiradores, porque até agora sempre Clara Bow interpretou criações alegres. Mas depressa dissiparemos as nossas dúvidas, porque Clara começará imediatamente a trabalhar numa obra que foi adquirida expressamente para o início da segunda «etape» da sua carreira artística.



Num intervalo da filmagem de «Madame Satan», o realizador Cecil De Mille dá instruções a Roland Young, o magnífico cómico que tem a seu cargo um dos principais papeis da película

MADAME SATAN

O argumento deste filme demonstra-nos que, se o homem deve conquistar primeiro a companheira que escolhe para a sua vida, à mulher pertence, contudo, a tarefa muito mais difícil de segurar nas mãos o companheiro que a sorte lhe destinou, ou de o reconquistar, se por acaso êle lhe escapa.

Angela era uma mulher ainda jovem e formosíssima, e notava, com enorme desgosto, que seu marido, Bob, estava cada vez mais divorciado dela e afastado do lar.

Não lhe foi difícil saber que Bob fora enfeitiçado por uma artista de teatro, Trixie, mulher galante, sem dúvida, mas cuja beleza física estava longe de impedir ou sequer de igualar a de Angela.

Em vez de se entregar, porem, como tantas fazem, ao ciúme, às intermináveis e arrelladoras cenas domésticas, a esposa dedicada e fiel dominou o seu orgulho e não duvidou tornar-se conhecida e íntima da rival para saber quais os segredos de enfeitiçamento que ela possuía para assim lhe arrebatara aquele que apesar de tudo e sobre tudo amava.

A sua tática deu resultado.

Na convivência com a amante do marido, não lhe foi difícil aprender que não basta à esposa ser fiel e dedicada, que



precisa de se transformar em amante, seduzindo o esposo com os seus encantos, tornando-se provocadora e aliciadora.

Assim instruída, Angela tratou de preparar o *decor* adequado para desempenhar o papel de sedutora, a-fim de empreender a reconquista de Bob.

Serviu-lhe à maravilha, para o efeito, um baile *masqué*, dado a bordo dum *dî-rigível*.

Vestindo uma *toilette* riquíssima, o máximo requinte da moda, e ocultando o rosto numa máscara demoníaca, a qual não ocultava antes fazia sobressair a sua beleza estonteadora, Angela soube tornar-se em breve, pelas suas atitudes, gestos e modos, a verdadeira rainha da festa, o centro de atracção de todos os olhares, o pasto cubiçado de todos os desejos.

Desdenhada e invejada por todas as mulheres, tornou-se logo o íman de todos os homens, e notou ela, com íntima satisfação, que era Bob precisamente quem mais gravitava à sua roda.

Desencadeia-se, porem, uma grande tempestade. Passam-se alguns momentos de pavor e ouviu-se daí a pouco a voz terrível e arripiante: «Salve-se quem puder!»

Na grande confusão que se estabelece,

Madame Satan

(Madame Satan)

Produção da «Metro-Goldwyn-Mayer
Films, Ltda.»

Realização de Cecil B. De Mille

PRINCIPAIS INTERPRETES

Kay Johnson	Angela Brooks
Reginald Denny	Bob Brooks
Lilian Roth	Trixie
Roland Young	Jimmy Wade
Elsa Peterson	Martha

C
I
N
E
M
A
6

todos procurando apoderar-se dos para-
quedas, Angela, que já considerava o
marido reconquistado, aproveitou o ense-
jo para arrancar a máscara e manifes-
tar-se.

A rival, nesse momento, não se im-
portava com o amante. pois o que dese-
java era salvar a vida.

Todos tinham abandonado a grande
aeronave e apenas se encontravam os
dois esposos a bordo, dispondo dum
único para-quedas.

Bob intima-a a aproveitá-lo. Mas é
então que se revela a esposa amante,
dedicada e heroica:

— Não partirei sem ti!

E, de facto, apenas se resolveu a apro-
veitar o aparelho quando viu que o ma-
rido se poderia salvar agarrado a uma
parte do envoltório do destroçado dirigi-
vel.

E aquela descida trágica transformou-
se depois em nova ascensão consoladora
para a felicidade!



Correspondência

MARIANA: — Parece-me que nestas
semanas mais próximas não verá nenhu-
ma fita de John Barrymore. Agora está
com a «M.G.M.», fazendo «Grand Hotel»,
com Greta Garbo. De Joan Crawford de-
via ter visto esta semana, «O Coração
Manda», com John Mac Brown. Também
está com a «M.G.M.», para a qual sempre
trabalhou. Você já reparou que as estré-
las da «M.G.M.» pegam de estaca? Ram-
on Navarro, Greta Garbo, Joan Craw-
ford, William Hianes, Norma Shearer,
uma vez estreados na «M.G.M.», nunca
mais de lá saíram. Sentem-se bem sob a
vigilância de Leo!

SONORIFILISSIMO: — Era Billy West
o nome do imitador de Charlot, a que
se refere. Nada sei ao certo sobre ele,
porque há muitos anos que não se fala
em tal criatura. Suponho que abandonou
o cinema, pois não figura no elenco actual
de nenhuma casa produtora; pelo menos
com o nome de Billy West. A não ser
que rapasse o bigode, se mascarasse dou-
tra forma, e use agora outro nome. O
Billy West, imitador de Charlot, mor-
reu, para todos os efeitos. R. I. P.

Quanto a «A Fera Amansada», com
Douglas e Mary, é, sim, falada. E tam-
bém é muito provável que seja exibida
exactamente em Abril, mês em que você
diz partir para fóra. Suponho que deve
ser apresentada em Abril ou Maio. Olhe,
um conselho: se a fita for exibida em
Abril, vá para fóra em Maio; se for em
Maio, vá em Abril!

Roland Toutain, 14, rue Eugène-Ma-
nuel, Paris (16me.). Tenho quasi a certeza
de que lhe responderá. Se simpatizei
com este artista? Só o vi uma vez, em
«Rato d'Hotel», e não desgostei da sua
interpretação. Quanto a simpatias, foram
todas para a Betty Stockfield. Nessa fita,
é claro, porque nas outras fitas em geral,
já! são tantas as simpatias! O director
pegou-me a moléstia, e sinto-me também
muito marlénico e bastante sidneyfilo.
Ai a Sylvia Sidney!... Ai a Legs Die-
trich!...



PREGUNTA-MOR: — Sempre às
ordens, e não maça absolutamente nada. O
que me contraria é eu não poder, a-pesar
do meu nome, responder a todas as pre-
guntas que me fazem, porque às vezes
me falham os dados para isso. Como, por
exemplo, a essa que me faz agora: Quanto
levarão nos estúdios da «Tobis» por cada
dia de trabalho utilizando toda a apare-
lhagem e pessoal técnico? Eu, se fosse
um responderdor pouco escrupuloso, di-
zia-lhe qualquer coisa, 5,10 ou 15 mil
francos, passava por um sabichão, e o
meu amigo ficava todo contente com a

precisão da resposta. Mas como o não
sou, antes pelo contrário, confesso-lhe
que não posso responder-lhe. O que pos-
so é dar-lhe a direcção da pessoa que
lhe saberá responder: Escreva a Mon-
sieur Georges Lourau, Directeur Com-
mercial des Films Sonores Tobis, 44
Avenue des Champs-Elysées. Paris
(8me.).

ALL FOR ONE, ONE FOR ALL: —
Já conheço isso, é do Alexandre Dumas!
Douglas Fairbanks, United Artists Stu-
dios, 1041 N. Formosa Ave, Hollywood,
Cal. Harold Lloyd, 6640 Santa Monica
Boulevard, Hollywood, Cal. Harry Piel,
«Deutsche Universal Film», Berlin W. 66,
Mauerstrasse 83, 84, Alemanha.

J-12: — 1.^a — «Fatalidade» deve ser
exibida no Porto, em fins de Março ou
princípios de Abril. 2.^a — Devem ser ex-
ibidos ainda alguns filmes de guerra, pelo
menos com a Grande Guerra como moti-
vo. 3.^a — Tanto «Tabu» como «Madame
Satan» serão exibidos no Porto dentro
dos 2 ou 3 meses mais próximos.

CONDE D'ARTAGNAN: — Olá! Te
mos «Os 3 Mosqueteiros» muito bem re-
presentados, neste número! 1.^o — Os ú-
ltimos filmes de Douglas Fairbanks são
«A Corrida para a Lua», com Bebe Dani-
els, «A Fera Amansada», com Mary Pi-
ckford, e «A Volta ao Mundo em 80 Mi-
nutos». 2.^a — «A Fera Amansada» será
exibida esta época, no «Águia d'Ouro»
ou no «Trindade». 3.^a — «O Mistério da
Casa Forte», na próxima segunda-feira,
no «Águia». Muito obrigado pelos conse-
lhos que dá, mas não podemos segui-los.
A senha de «bonus» tem que continuar
a ser publicada no lugar habitual, por
conveniência de paginação, e para facil-
itar o corte. E' certo que fica a revista pre-
judicada, mas quem quiser aproveitar-se
do «bonus» e ter a colecção da revista
muito direitinha, tem um remédio faci-
líssimo: compra dois exemplares de cada
n.^o. Quanto ao romance em separado,
contra dois que não gostam, há duzen-
tos que gostam. E se nós quiséssemos
agradar inteiramente a todos os leitores
tínhamos que fazer uma revista diferente
para cada um.

No entanto, repito, agradecemos sin-
ceramente as suas objecções.

EU SEI TUDO.

Efemérides da semana

5 a 11 de Março

- Março 5 (1931) — Efectua-se na igreja de St. Vincent de Paul, de Paris, o enterro do actor francês Gilbert Dalleu.
6 (1921) — Estreia-se na América a fita «Os 4 Cavaleiros do Apocalipse», da «Metro», com Rudolph Valentino e Alice Terry.
7 (1927) — Inaugura-se em Nova-York o cinema «Roxy», com 6.000 lugares.
8 (1931) — Morre o actor e realizador alemão Lupu Pick.
9 (1920) — Estreia-se no «Trindade» e «Batalha», do Porto, a fita em séries «Carpanta», com William Duncan e Carol Holloway.
10 (1931) — Morre, vítima dum acidente de automóvel, perto de Santa Barbara, California, o realizador F. W. Murnau.
11 (1892) — Nasce em Nova-York o realizador Raoul Walsh.

~ A mania

Neil Hamilton é um dos homens mais sedutores de Hollywood: a sua simplicidade e a sua alegria franca e comunicativa são qualidades muito apreciadas pelos seus amigos mais íntimos.

Nada do seu modo de ser faz lembrar o actor, — e junto de si ninguém se lembra da sua profissão.

Um jornalista que conversava últimamente com Neil Hamilton reparou que o soalho da sala onde se encontrava estava literalmente juncado de pequenas bolas de papel...

— «Um defeito de que não sou capaz de me livrar, diz Neil Hamilton. Quando falo, tenho a mania de romper papel em pequenos bocadinhos e de fazer bolas com êles!... Veja o resultado!...»

Mas Neil Hamilton ainda tem outras manias...

O jornalista estava a brincar com um copo de magnífico cristal... Neil interrompeu-o e disse:

— «Deixe lá o copo em sossêgo, meu amigo!... Você é capaz de o partir e êles custaram-me setenta dólares a duz...»

— «Neil!», gritou a esposa do conhecido actor.

— «Outro dos meus defeitos, murmurou Neil Hamilton. Tenho o mau gôsto de dizer o preço dos objectos que compro... Elsa está sempre a ralhar-me!... Quere saber uma das manias que mais aborrecem minha mulher?... E' o meu hábito de dormir com os pés fóra da cama!!!...»

Neil Hamilton é como os outros «astros» e «estrelas»... Querem ver?...

Tom Mix, que tem uma grande afeição pelo seu cavalo Tony, tem a mania de acender os fósforos com a unha do polegar... Já várias vezes se queimou, mas ainda não perdeu aquele mau hábito...

C John Boles tem a extremidade do nariz extraordinariamente ponteguda, — resultado de agarrar o nariz com os dedos desde a sua juventude...

I George Bancroft tem a mania de fazer desenhos fantasistas em guardanapos ou em qualquer superfície plana quando telefona... E' a distracção artística!...

M Eddie Quillan não pode ler a palavra «proibido»... Quando vê um aviso — «pintado de fresco» —, imediata-



das "stars" ~

mente coloca sôbre a pintura um dedo curioso... E então reconhece como o aviso tem motivo para existir...

Ann Arding e Roberto Montgomery teem a mesma exasperante mania de tamborilar sôbre as mesas quando estão absorvidos por um jôgo ou por uma distracção...

Lois Wilson e Charles Farrell passam constantemente os dedos pelos seus cabelos... E' um hábito sem inconvenientes para Charles Farrel, pois os seus cabelos são naturalmente ondeados e não se estragam, mas no caso de miss Wilson o resultado é sempre desastroso, porque as ondulações artificiais não resistem a êstes maus tratos...

Douglas Fairbanks Filho tem a mania da poeira, e sempre que está a conversar sente a necessidade de tirar *minúsculas partículas* de papel e poeiras de cima dos moveis que estão perto de si... Quando estas partículas são microscópicas e não podem ser agarradas com o index e o polegar, Douglas deita saliva na ponta dos dedos, — e então a poeira já não resiste!... Esta pequena mania diverte-o prodigiosamente, no momento do início da «limpeza»...

Clara Bow tem o hábito de resolver os seus mais árduos problemas traçando figuras geométricas com a ponta das suas unhas róseas, — que frequentemente se partem...

Edmund Low decidiu ultimamente usar um relógio de pulso, — pois era raro o dia em que não partia um vidro a balouçar o seu relógio de bolso na extremidade da corrente...

Cecil B. de Mille faz soar o dinheiro nos bolsos, e o tilitar argentino acompanha algumas vezes inoportunamente os ensaios das cenas mais dramáticas...

Joan Bennett mastiga «chewing gum» continuamente... Alice White roe as unhas quando está enervada... E Joan Crawford bate compasso com o pé sempre que ouve música, — e mesmo que esteja na igreja!...

MARIA EDUARDA.

Lois Wilson e Edmund Low, duas «stars» que também teem as suas manias predilectas...



De Carol Lombard, hoje uma primeira actriz da «Paramount» e a Senhora de William Powell, damos aqui esta excelente fotografia. Que magnificos fotografos tem a «Paramount»! Magnificos e... felizardões!...

Tem feito grande sucesso no «Cameo», de Nova-York, o fonofilme russo «O Caminho da Vida».

Al Jolson vai fazer uma fita para ser distribuída pela «United Artists», a qual será realizada por H. d'Abbadie d'Arrast.

~ Nova fita de ~ Ramon Novarro

A próxima fita de Ramon Novarro para a «M-G-M» será «Huddle», uma história de futebol, que Sam Wood dirigirá. Madge Evans, Una Merkel, Frank Albertson e Martha Sleeper tomam parte na interpretação.

A casa americana «RKO», que está produzindo a fita em séries (24 partes) «Mysteries of the French Secret Police» (Mistérios da Polícia Secreta Francesa), anuncia que dentro em pouco começará outra película com igual metragem.

A «M G M» adquiriu os direitos de filmagem da novela «Footlights», de Clarence B. Kelland, publicada no «Saturday Evening Post», para a próxima fita de Buster Keaton, sob a direcção de Edward Sedgwick.

Doris Kenyon, que vai interpretar a protagonista de «Young America» (Jovem América), para a «Fox», pensa dar três recitais de canto, em Nova-York.

O título «He Met a French Girl», uma próxima fita da «Paramount», com Lily Damita, Charlie Ruggles, Roland Young (magnífico cómico que veremos esta semana em «Madame Satan») e Thelma Todd, foi alterado para «This is the Night» (Isto é que é a Noite).

Douglas Fairbanks parte para Tahiti

No dia 17 de Fevereiro findo, Douglas Fairbanks partiu para Paapeete, Tahiti, onde decorrerá a acção do seu próximo filme, que se chama provisoriamente «Tropical Night» («Noite Tropical»). Com Douglas seguiram Lupita Tovar e William Farnum, que tomam parte na interpretação, e Edward Sutherland e Harry Halm, que serão co-realizadores.

Foi em Tahiti que foram filmadas as principais cenas de «Sombras Brancas» e «O Pagão».

Dentro e Fora dos Estúdios

Douglas Fairbanks Jr. está actualmente interpretando em francês, para a «First National», a fita «L'Athlete Incomplet».

A «RKO-Radio», entusiasmada com o êxito da sua fita «Cimarron», vai produzir uma outra fita de grande espectáculo, cuja acção decorre na China. Os elementos de produção serão os mesmos de «Cimarron»: Cenarista, Howard Estabrook, realizador Wesley Ruggles e principais intérpretes, Richard Dix e Irene Dunne.

Samuel Goldwyn vai produzir «The Brothers Karamazov», com Ronald Colman, da novela de Dostoyevsky. Já existe um fonofilme francês baseado na mesma novela.

em Portugal com o título «Matou», vai ser apresentada em França com o título «Le Maudit» (O Maldito).

Jeanette MacDonald contratada pela «M-G-M»

Anuncia-se que Jeanette MacDonald acaba de renunciar à sua projectada viagem à Europa, e que firmou contrato com a «Metro-Goldwyn-Mayer» para a interpretação de dois filmes, o primeiro dos quais será «The Truth Game» («O jogo da verdade»), com Robert Montgomery. (Informação A. I. C.)



Ramon Novarro e May MacAvoy numa cena de «Ben-Hur», cuja versão sonora será estreada brevemente no «Trindade»

Maureen O'Sullivan, que vimos em «1980», vai interpretar para a «Universal» a fita «The Jockey Kid» (O pequeno jockey).

Victor Varconi e Tala Birell fazem parte do elenco de «Mountains in Flame» (Montanhas em Chamas), que Lu'z Trenker está interpretando para a «Universal».

A actriz francesa Marcelle Praise foi contratada para um importante papel da fita «La Perle», que a «Paramount» está produzindo nos seus estúdios de St-Maurice. Outros artistas são Suzy Vernon, André Berley (que vimos em «O Presidio») e «O Café do Felisberto»), Robert Arnoux e Paul Faivre.

Artur Loew, vice-presidente da «M G M», que ha pouco fez uma viagem de 16.000 milhas, em aeroplano, de visita às sucursais da «M-G-M» na América do Sul, pensava vir em fins de Fevereiro último, à Europa, para estudar a situação do mercado cinematográfico europeu.

Agradou imenso a fita «Shangai Express», da «Paramount», com Marlene Dietrich, Clive Brook, Warner Oland e Anna May Wong, que no dia 17 de Fevereiro se estreou no «Rialto», de Nova-York, ao preço de 2 dólares.

O famoso tenor alemão Richard Tauber terminou ha pouco a fita «Melodia do Amor», durante a qual se representa uma cena do último acto da «Tosca». Nessa cena, Cavaradossi é Richard Tauber.

Logo que Clive Brook regresse de Inglaterra, onde se encontra, a Hollywood, começará interpretando uma fita com Claudette Colbert, para a «Paramount».

A fita «M», de Fritz Lang, exibida

Um novo aparelho sonoro para 50.000 francos,

incluindo dois projectores
«Simplex»

A casa francesa Brokliss & C., de Paris, representante dos famosos aparelhos americanos de projecção «Simplex», acaba de lançar no mercado francês um novo aparelho sonoro, o «Simplex ACME». Que custa, em Paris, 50.000 francos, incluindo dois aparelhos de projecção daquela marca, e todas as despesas de instalação.

Uma fusão de todas as casas americanas de Actualidades?

Falou-se recentemente na América numa gigantesca fusão que abrangeria todas as casas americanas que produzem os jornais de actualidades, e que compendia, entre outras, «Fox Movietone», «Pathé», «Paramount», «Hearst Metrotone» e «Universal». Um dos maiores entusiastas desta fusão é o grande magnate do jornalismo americano William Randolph Hearst, que possui um grande número de diários americanos e que tem já grandes interesses nas actualidades cinematográficas «Fox Movietone» e «Hearst Metrotone».

A nova fita de Chevalier «One Our With You» (Uma Hora Contigo), foi exibida particularmente no «Uptown», de Los Angeles, sendo considerada como um êxito para o realizador George Cukor, e um novo sucesso para Ernest Lubitsch, que foi o supervisor e para Chevalier, o principal intérprete.

Harold Lloyd mudou de opinião. Escolheu definitivamente Constance Cummings para a primeira figura feminina da sua nova fita, que foi começada em 22 de Fevereiro, nos estúdios da «United Artists», em Hollywood.

Cecil B. de Mille, o famoso realizador de «Os 10 Mandamentos», «O Rei dos Reis», «O Barqueiro do Volga» e «Madame Satan», vai produzir um filme duma peça soviética, «La Quadratine du Cercle».

A «Paramount», de França, desmentiu categoricamente os boatos que circulam sobre a demissão de Adolph Zukor de presidente da «Paramount».

O "bonus" da nossa revista no SALÃO-JARDIM DA TRINDADE

Em virtude da sensível baixa de preços havida no «Trindade», a senha de «bonus» da nossa revista passa a dar o desconto de 40 % em vez de 50 %, como até aqui, deixando de haver desconto nos lugares de 1.º balcão. Como compensação, a empresa do «Trindade» teve a gentileza de aumentar para 100 o limite dos lugares de 2.º balcão, que até aqui era de 50. Assim, os bilhetes do «Trindade», nas *matinéas* de 5.ª e sábado, passam a custar, para os portadores das senhas da revista «Cinema», os preços seguintes:

2.ª plateia (os primeiros 50) 2\$40
1.ª plateia (os primeiros 200) 3\$00
2.º balcão (os primeiros 100) 3\$00
Camarotes (os primeiros 20) 15\$00

Ouvimos dizer...

que a «Sonoro Filmes», que distribui a fita francesa «Gagne Ta Vie», com Victor Boucher, já adquiriu «Der Grosse Attraktion» («A Grande Atração»), com o tenor alemão Richard Tauber.

que esteve em Lisboa o sr. Vidal Bathet, director das vendas da central da «Paramount» em Barcelona.

que o principal objectivo da sua viagem foi a assinatura dos contratos para a exibição de «O Tenente Sedutor».

que o sr. Alcantara, da Comp.ª Cinematográfica de Portugal, tomou conta da exploração do «Royal», de Lisboa.

que por acordo estabelecido com a Agên-

Glory e Albert Préjean, dirigida por Wilhelm Thiele, o realizador de «O Caminho do Paraíso» e «O Senhor Director».

que o «Aguia d'Ouro» vai exibir da mesma casa Castelo Lopes os filmes «O Mistério da Casa Forte», com Harry Piel, e «Com o fôgo não se brinca», com Alice Cocéa.

que continuam activamente os trabalhos para a organização da empresa para a construção do estúdio nacional.

que dessa empresa fazem parte os snrs. António da Fonseca, dr. Beirão da Veiga e dr. Ricardo Jorge, F.º, elementos estes que dão a maior confiança à projectada empresa.

que a fita «Madame Satan», que o «Trindade» estreará na próxima semana, tem feito, no «Tivoli», de Lisboa, um sucesso inesperado, um dos maiores da temporada.

que se pensa em exibir como silencioso um filme português de recente produção, para depois se arranjar o dinheiro preciso para a sua sonorização.

que o sr. Alfredo Anjos, que tem explorado entre nós o filme «O Brasil Maravilhoso», está fazendo os preparativos para um grande filme sobre Portugal, o qual seria explorado no estrangeiro, principalmente no Brasil.

que esse filme seria silencioso, a menos que resolvesse definitivamente a aquisição dum grupo para a tomada de sons.

que para esse fim já o sr. Anjos escreveu a várias casas, tendo já recebido uma detalhada resposta da casa alemã «Klang-Film».

que esta casa se propõe fornecer o grupo com a mais moderna aparelhagem, facilmente transportável, pois caberia em trinta e tantas caixas portáteis.

que devem chegar em Abril à Comp.ª Cinematográfica de Portugal os filmes da «Warner» e «First National», que aquela Comp.ª está esperando há muito.

que entre eles virá «Mobby Dick», com John Barrymore.

que a casa H. da Costa ainda esta época apresentará novas grandes produções europeias.

que o «Trindade» exibirá nesta época os filmes «Tabu» e «Proezas de Skippy», da «Paramount», aquele premiado como o melhor trabalho fotográfico e este como o de melhor realização, em 1931, pela Academia Cinematográfica Americana.



F. W. MURNAU

o famoso realizador alemão que ha precisamente um ano faleceu em Santa Barbara, California, vítima de um acidente de automóvel.

A sua última película, que elle não chegou a ver exibida em público, foi «Tabu», realizada de colaboração com Robert Flaherty.

cia H. da Costa, o «Olimpia» do Porto reexibirá «O Congresso que Dança», com Lillian Harvey, e o «Batalha» o filme «Matou», de Fritz Lang.

que ainda não está nada resolvido sobre a possível aquisição ou exploração do «Tivoli», de Lisboa, pela «Paramount».

que o «Trindade» fechou combinação com a casa Castelo Lopes para a exibição de «Aventura Amorosa», com Marie

C

J

N

E

M

A

11



Matahi e Reri, principais personagens de «Tabu»

No coração do mancebo ergueu-se logo a tempestade. Conhecia bem as práticas da feitiçaria polinésia e adivinhou, por isso, que uma terrível maquinação se tramava contra a sua amada. Ouviu, por fim, num grupo de raparigas, uma delas amiga de Reri, elogiar em alta voz «a honra insigne com que a pérola das ilhas acabava de ser distinguida».

Aquela frase infeliz fez explodir em Matahi um furor primitivo, cuja violência não conhecia limites. Tornou-se dum gris-cinza, que é a palidez dos homens de cor; ia precipitar-se sobre Hitu, arrebatá-lo daquela que amava... Mas seu pai lera-lhe nas feições como em livro aberto; ergueu-se e precipitou-se, agarrando o filho a meio-corpo.

— O' meu filho, pensa um momento no que vais fazer! Os deuses contemplam-te!

Matahi, por muito apaixonado que estivesse, e dominado por cóleras impetuosas, sabia, contudo, que nenhum mortal pôde afrontar as potências celestes, sem se arriscar a fazer recair, sobre ele e os seus, a mais terrível das punições! Conservava em seu coração fruste a recordação das lições outrora aprendidas.

Pouco a pouco, o primeiro movimento de revolta deu lugar, no coração de Matahi, a uma submissão resignada: era ele só que tinha de sofrer. Por causa de Reri? Ela tinha razão para se orgulhar. O favor divino, distinguindo-a, era realmente, para todos que dela se aproximavam e a amavam um invejável milagre. Que Matahi, a um canto, chorasse o seu amor desfeito, era natural. Mas ela, exilada e chamada para alegrias mais altas, tinha o direito de se regosijar, por ela e pelos seus.

O pai do mancebo, a quem aquela reviravolta não oferecia mistério, disse ainda:

— Matahi, debes ter coragem! A fe-

Narração Cinematográfica de F. W. Murnau e R. J. Flaherty

“Tabu”

Apresentada pela “Paramount”

6—(Continuação)

licidade de toda a tribo é feita com o teu sacrifício. Agradeço-te por não mostrares lágrimas. És digno de nós à face da nossa clan; e reconheço-te por carne da minha carne, por sangue do meu sangue!

— Pai, — respondeu o filho com voz abafada —, não quero lutar com aqueles que nos governam. Mas, desde este momento, toda a felicidade na terra morreu para mim.

Entretanto, com grande pompa, fazia-se avançar a que, para europeus, poderia chamar-se «a galera nupcial», mas que, no fim de contas, não passava da piroga dupla dos dignitários, de teto de palha. Reri, ainda com os olhos húmidos de pranto, tomou lugar nela com sua família. Hitu devia permanecer alguns dias em Bora-Bora; e a partida da vestal só devia realizar-se depois do regosijo do costume em tal caso.

A' frente da flotilha, que cobria o mar em muitas centenas de metros, a piroga sagrada tomou o caminho da praia. Fazia-lhe cortejo uma escolta ruidosa. Toda a tribo remava com ardor louco. A escolha de Reri, promovida à categoria de serva divina, era, no fundo, uma grande recompensa para a tribo. Tinham vindo procurar, entre milhares de adolescentes, todas desejadas e celebradas pelos aedas justos, aquela de que Bora-Bora tam legitimamente se mostrava orgulhosa. E não se tratava dum acaso nem duma fantasia do grande sacerdote ou de Hitu (que nunca tinham visto a amante de Matahi), mas da resposta dada pelo oráculo. Os senhores supremos tinham dado aquele nome, desejado aquele sacrifício: não queriam eles indicar, por essa forma, que a sua protecção se estendia especialmente ao *atoll*, e que uma catástrofe

como a de Moorea o não ameaçaria nunca mais?

Os duzentos habitantes da ilha tihnam, pois, sérias razões para se re-

gosijarem; e deviam pouco depois demonstrá-lo suficientemente...

No extremo da esquadra minúscula, vinha Matahi, de coração dilacerado. Parava de vez em quando, deixava deslizar ao sabor da água a sua pagaia e inclinava a bela fronte em que o desgosto rasgara rugas. Seu irmãozito, conservando sempre nos braços o báculo, da raça *pecari*, que era o seu único bem no mundo, calava-se, sentindo confusamente, com a delicada presciência das crianças, que não era ocasião de importunar com o seu chilhreios aquele em cujos olhos brilhavam prantos mal contidos.

Matahi reflectia. Poderia resolver-se a deixar partir aquela que adorava com todas as forças da sua alma? Não deveria reagir uma face daquele destino cruel? E qual valeria mais: perder para sempre a que amava ou enfrentar corajosamente, como homem consciente da sua força, da sua juventude e da sua inteligência, a cólera dos «seres que nos veem»? Pensava nestes problemas e não receava blasfemar, apostrofando o ceu surdo à sua voz, o cume escaldado do velho monte, a copa das palmeiras que nenhuma brisa agitava.

Passaram, contudo, alguns dias. Matahi conserva-se na cabana, de espírito obsidiado, recusando alimentos e não tolerando ninguém à sua beira, a não ser o irmão... Ouvia ao longo os tambores a preludiar a festa religiosa: via, do limiar da terra batida, as virgens tecendo coroas e os seus amigos voltando da floresta ajoujados sob o peso dos frutos da árvore do pão, das nozes de coco, dos cachos de bananas, de mangas e laranjas.

(Continua).



Esta é Mary Carlyle, uma nova atriz da «Metro-Goldwyn-Mayer»
Nenhum de nós ainda viu, no cinema, a Mary Carlyle. Mas vimos esta fotografia,
o suficiente para pedirmos com muito interêsse ao Sr. Ballester, da «M-G-M», que nos
mande fitas com a Mary Carlyle

Pelas nossas Cinemas

OS FILHOS (Seed): — Não me recordo, no momento em que escrevo, de ter visto qualquer filme de John M. Stahl. Se vi, confesso que não o fixei. Mas não desgostei da realização de «Os Filhos». Já de si bem cenarizada, a história, sob a direcção de Stahl, desliza com segurança, e, a-pesar da abundância do diálogo, segue-se interessadamente. E como o desempenho inclui Lois Wilson, que tem uma das melhores interpretações do mês,



John Boles, que não canta, mas que vai muito bem, Genevieve Tobin, que vi pela primeira vez, e que merece ser fixada, e um grupo de garotos muito bem escolhidos, a fita valoriza-se muito.

O pior — e não é pequeno mal — é que a concepção temática que gisa toda a história, com aquele divórcio, cuja justificação daria demorada discussão, e aquele abandono a que a mãe é votada pelos filhos destumbrados com a ida para Nova-York e com a ideia de completarem os estudos, pode ser, quando muito, admissível — simplesmente admissível — no espírito *yankee*, mas não pode nunca ser bem recebida pela nossa sensibilidade

de de latinos. E depois, no regresso do escritor que, após 10 anos de ausência, vem vêr os filhos que deixara pequenos, e na sequência em que os filhos se despedem da mãe, a película atinge tamanhas proporções de comoção, que poucos corações sensíveis resistirão a mandar humedecer os olhos... Isto que em outras épocas seria uma qualidade recomendável para o filme, é hoje um desfavor, comercialmente falando.

De tristezas está o mundo cheio! E bem provado está que o público quer ir ao cinema para se divertir, para rir, para gargalhar, de preferência.

«Mas o filme está bem feito!» dir-lhe-á. Não vale de nada. *Il s'en fiche!*...

Autor: Charles G. Norris. Cenarista: Gladys Lehman. Fotógrafo: Jackson Rose. Director de som: C. Roy Hunter. Realizador: John M. Stahl. Intérpretes: Bart Carter, John Boles; Sua esposa Peggy, Lois Wilson; Mildred, Genevieve Tobin; Jennie, Zasu Pitts; Bliss, Richard Tucker; Bob, Jed Prouty; Nancy, Frances Dade; Os filhos: Junior Carter, Kenneth Seiling; Dick, Don Cox; Danny, Terry Cox; Margaret, Helen Parrish; Johnny, Dickie Moore. Os filhos, 10 anos depois: Junior Carter, Raymond Hackett; Dicky, Jack Willis; Danny, Bill Willis; Margaret, Bette Davis; Johnny, Dick Winslow.

Produzida em 1931 pela «Universal». Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «A'guia d'Ouro» em 29 Fevereiro 1932.

O CORAÇÃO MANDA (Montana Moon): — Eis a primeira fita 100% falada e cantada, de Joan Crawford! 100% Joan Crawford! 100% Venus de Hollywood!

Eu, cada vez que vejo a Joan Crawford, fico a invejar o Douglas Fairbanks Jr.!

«O Coração Manda» não tem a pretensão de ser uma super-produção. Na

America, onde Joan Crawford é estrela da mais potente *box-office attraction*, que anda na capa de todos os magazines e quo tem, em cada leitor, um dedicado *fan*, «O Coração Manda» deve ter sido um grande êxito. Porque Joan Crawford está lindíssima, e desenvolve em todo o filme uma atracção irresistível, dardejando *sex-appeal* em quantidade suficiente para entusiasmar uma plateia, porque o argumento, embora decorrendo no Oeste, não é motivo, lá na America, para depreciação do valor intrínseco da película.

Aquí, há o estabelecido princípio de que os filmes de Oeste são naturalmente inferiores, e, por isso, «O Coração Manda» pode desagradar a algum público.



Porem, na realidade, tem certo valor a historia, que não é nova, mas está descrita com certo poder de interesse, e dos dá um pouco de romance, de poesia e de acção forte, entremeadas com alguns momentos cómicos.

Jonh Mack Brown faz o primeiro papel masculino — mas não me convenceu. Dorothy Sebastian e Ricardo Cortez em papéis de segundo plano, sem motivo para destaque. Cliff Edwards, que está sendo parte obrigada nos filmes «M-G-M», dá a nota cómica do filme.

«O Coração Manda» não é um *fitão*. E' uma fita que pode não agradar inteiramente, mas que tem condições de fa-

«O TENENTE SEDUTOR», COM MAURICE CHEVALIER,
SERÁ EXIBIDO NO «TRINDADE», DO PORTO, E NO
«TIVOLI», DE LISBOA

Foi ha dias fechado em Lisboa o contrato entre a empresa do «Trindade» e a casa «Paramount», para a exhibição no Porto da película «O Tenente Sedutor», realizada por Ernst Lubitsch (o famoso director de «A Parada do Amor» e «Monte-Carlo»), com Maurice Chevalier, Claudette Colbert e Miriam Hopkins.

«O Tenente Sedutor», inspirado na opereta «Sonho de Valsa», é considerado como o melhor fonofilmado da «Paramount», e a comprová-lo estão as receitas formidáveis que este filme tem obtido no estrangeiro.

Para a assinatura do contrato com o «Trindade», do Porto, e o «Tivoli», de Lisboa, onde «O Tenente Sedutor» será exhibido, veio de Barcelona o director das vendas da central da «Paramount», sr. Vidal Bathet.

Podemos acrescentar que, por acôrdo entre o «Trindade» e a «Paramount», o filme «O Tenente Sedutor» não passará esta época no Porto em nenhum cinema de «reprises».

OS SEIS MELHORES
FILMES DE FEVEREIRO

ANNY E OS CARTEIROS
CAFE' DO FELISBERTO, (O)
DEBANDADA, (A)
DIVORCIADA, (A)
REI DA GRAXA, (O)
RUAS DA CIDADE

AS SEIS MELHORES
INTERPRETAÇÕES

CHESTER MORRIS em «A Divorclada».
LOIS WILSON em «Os Filhos».
MAURICE CHEVALIER em «O Café do Felisberto».
NORMA SHEARER em «A Divorciada».
SYLVIA SIDNEY em «Ruas da Cidade».
VLASTA BURIAN em «Anny e os Carteiros».

Na Capa: — Kay Johnson, principal intérprete do filme «Madame Satan».

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bom Jardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero fol visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS

Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, S. e m. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

zer passar a noite e conseguir alguns Joancrawfordfilos... para a secção do «Eu Sei Tudo».

Autores: Sylvia Thalberg e Frank Butler. Cenaristas: Os mesmos. Fotógrafo: William Daniels. Director de som: Douglas Shearer. Realizador: Malcolm St. Clair. Intérpretes: Joan, Joan Crawford; Larry, John Mack Brown; Elizabeth, Dorothy Sebastian; Jeff, Ricardo Cortez; O medico, Benny Ruben; Cliff Edwards; Hank, Karl Dane; Mr. Prescott, Lloyd Ingraham.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayers». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda.». Estreada no «Trindade» em 1 Março 1932.

DUPLA VITORIA (Good News): — Gosto imenso destas comédias americanas que decorrem no ambiente desportivo das Universidades, as Universidades onde se trata da cultura do corpo como da cultura do espirito. Que alegria! Que vida! Que prazer se respira em tal ambiente! E que diferença entre a mocida-

de estuante daqueles jovens, fortes, sádios, vestidos de branco ou de claro, e os nossos académicos, negros como corvos, caminhando como vergados ao péso da batina, ao péso duma funebre e indesejável tradição!...

«Dupla Vitória» foge um pouco à vulgaridade dos filmes desportivos, e inclina-se mais para uma comédia musical. O argumento, já debil de ideia, frageja na continuidade, muito embora cenarizado por Frances Marion, um valor como cenarista, que eu admiro desde ha muitos anos; e toda a história — ou não cooperasse na autoria a parceria De Sylva, Brown e Henderson — é entrecortada por quadros onde se canta e dança a propósito de tudo — até a propósito dum ponto de latim... Mas, numa fita deste género, o que se pretende e o que se quer é distrair o espirito sem que haja necessidade de defender uma tese ou provocar um conflito que dê que fazer ao

cérebro e contrarie, portanto, o espectador que vai ao cinema com o desejo de passar a noite despreocupada e distraidamente.

E essa finalidade consegue-a «Dupla Vitória». Conseguem-na Bessie Love, Gus Shy, Billy Taft e Cliff Edwards, com a graça dos seus gestos, dos seus cantos, dos seus bailados, que tornam este filme uma comédia musical que se vê com agrado.

Autores: Lawrence Schwab, Frank Mendel, De Sylva, Brown e Henderson. Cenaristas: Frances Marion. Fotógrafo: Percy Hilburn. Director de som: Douglas Shearer. Realizadores: Nick Grinde e Edgar J. McGregor. Intérpretes: Connie, Mary Lawlor; Tom, Stanley Smith; Babe, Bessie Love; Kearney, Cliff Edwards; Robbie, Gus Shy; Bat, Lola Lane; Coach, Thomas Jackson; Beef, Delmer Daves; Caloiro, Billy Taft; Professor, Franck McGlynn; Flo, Dorothy McNulty; Girls, Helyn Virgil e Vera Marsh. Toma parte a orquestra Abe Lyman.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayers». Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda. Estreada no «Olimpia» em 29 Fevereiro 1932.

Victor MacLaglen vai trabalhar na Inglaterra

Mais de 1.000 libras por semana

Sabemos que Victor MacLaglen, que é inglês de nascimento, mas que há muitos anos trabalhando na América, um dos intérpretes de «O Prêço da Glória», «Amores de Carmen», «O Mundo às Avessas», e que tem uma das suas melhores interpretações em «Fatalidade», ao lado de Marlene Dietrich, acaba de ser contratado pela casa inglesa «British and Dominions Films Corporation, Ltd».

Victor MacLaglen, que está terminando na «Fox», a fita «The Devil's Lottery» («A Loteria do Diabo»), com Elissa Landi, terá em seguida uma licença de oito semanas, durante a qual virá a Inglaterra interpretar para a «B & D.» a fita «The Broad Highway», da obra de Jeffery Farnol, com um salário de mais de mil libras por semana.

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Ultimas exhibições do grande exito do cinema sonoro

O PRESIDIO

super-produção falada em espanhol

Terça-feira, 8 de Março — A magnifica pelicula comica

EM FRENTE, MARCHE!

falada em espanhol, com o famoso comico BUSTER KEATON (Pamplinas)

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 7

As senhas de cada número só são válidas para os espectaculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectaculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 10 e 12 de Março
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 10 e 12 de Março
PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 10 de Março
BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 10 de Março
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 12 de Março

Castelo Lopes, L.^{da}

**a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,**

**apresenta na próxima segunda-feira, 7,
no Cinema Águia d'Ouro**

O Mistério da Casa-Forte

super-produção interpretada pelo grande actor alemão
HARRY PIEL e pela linda actriz DARY HOLM

Realização de HARRY PIEL

UM FILME DE GRANDE EXITO



**e na terça-feira, 15, no
Salão Jardim da Trindade**

a magnifica produção falada e cantada em francês

Uma Aventura Amorosa

com a encantadora MARIE GLORY
e o querido actor ALBERT PRÉJEAN

Realização de WILHELM THIELE